

DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ -
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ - COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE *ANDROMEDA*
ANDRÓMEDA - SETOR I

Com o Capitão Magalhães viajámos muitos. Tantos que não cabíamos nos cinco navios que ficaram para a História. Outros havia e ninguém de nós sabia.

Para lá do que escreveu o italiano António Pigafetta; outras terras se viram, outras gentes se observaram e outros contos se contaram.

A esses tantos, outros, demos por nome coletivo de Polo, como o antigo viajante da Ásia. Um outro Marco Polo que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães em torno ao Mundo na primeira circum-navegação. Esses outros que nós somos, contamos aqui o que vimos.

A cada paragem um. A cada paragem uma constelação para nos orientar. A primeira das quais Andrómeda que se inicia assim.

Ao anónimo anotador das descrições,
pertencem os *itálicos* que pontuam os textos.

A TERRA DA MARIA QUE GOSTA DO MUNDO

A primeira paragem foi em lugar isolado. Tão longe de tudo que só vi uma pessoa. Chamava-se Maria e conhecia todos os lugares que havia. Contou-me ela – de sua voz – e fiquei a saber que:

Num dia a Maria decidiu ir dar a volta ao Mundo e tinha um mapa que tem todos os países que precisava conhecer. Para a viagem, preparou o almoço, o lanche e o almoço da noite e foi comprar o bilhete de avião. E esperou um dia para ir e foi, então, dar a volta ao Mundo. Gostou muito.

Quando chegou a este lugar, nada conhecia.

Viu uma casa normal e entrou na casa. A casa chamava-se Casa Normal – como parecia ser - e a Maria viu tanta coisa de que não gostava nada que então decidiu partir da Casa Normal. Ficou ainda 5 dias e depois foi-se embora. Deixou o mapa na casa normal e ficou a chorar porque tentou sair sem o mapa, mas perdeu-se. Finalmente encontrou a saída para a rua. E gostou de encontrar a rua e foi para casa.

Uma outra casa sem nome, só casa.

Adorou a casa porque podia ter festas com todos os amigos que fizesse. Como conhecia o Mundo pensou em fazer uma festa de Halloween, mas não seria o melhor. Então decidiu fazer uma festa de aniversário e disseram que sim. Todos adoraram e divertiram-se muito.

Para todos os que habitavam naquele lugar o tempo era passado a ficar em casa e comer muitas coisas de que gostavam. Ela gostava muito de estar em casa porque era o seu lugar preferido. Nunca queria sair. Só para ir a casa dos amigos e das amigas. E não queria mudar de terra ou país.

Título: Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães

Autores: Aline da Veiga, Artur Pinto, Beatriz Cardoso, Diogo Silva Santos, Filipe Rodrigues, Gabriel Gonçalves, Gabriela Silva Pereira, Gonçalo Almeida, Guilherme Pinto, Helena de Almeida Moreira, João Duro, Katy Niang, Luís Capela, Manuel Castilho Macário, Malikson Emedi, Mariana Rodrigues, Maria Francisca Lopes, Matilde Santos, Miriam Campos Vicente, Nádia Ramos, Rodrigo Gomes, Tomás Matos Oliveira [Escola Básica da Ribeira, 3.º B (Andrómeda - Setor I)]

Grafismo e Design: Miolo e Meio

Edição: Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

Depósito Legal:

Impressão: Tipografia Beira Alta

O Projeto-Piloto de "O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães" foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum - Associação para os Museus Municipais - Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival "Mescla", a 07/07/2019.

A Fase 1 de "O Outro Marco Polo, que viajou - talvez - com Fernão de Magalhães" inicia-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães.

Viseu. Setembro, 2019.

A FORTALEZA DO FEITICEIRO

Se avançarmos uns dias de viagem chegamos a uma terra diferente. Muito variada ainda que pequena.

Há lá um castelo onde vive o rei com a sua rainha e o seu filho. No outro lado dessa terra fica a Fortaleza do Feiticeiro, que guardava um famoso cristal, que cura quem o encostar ao peito.

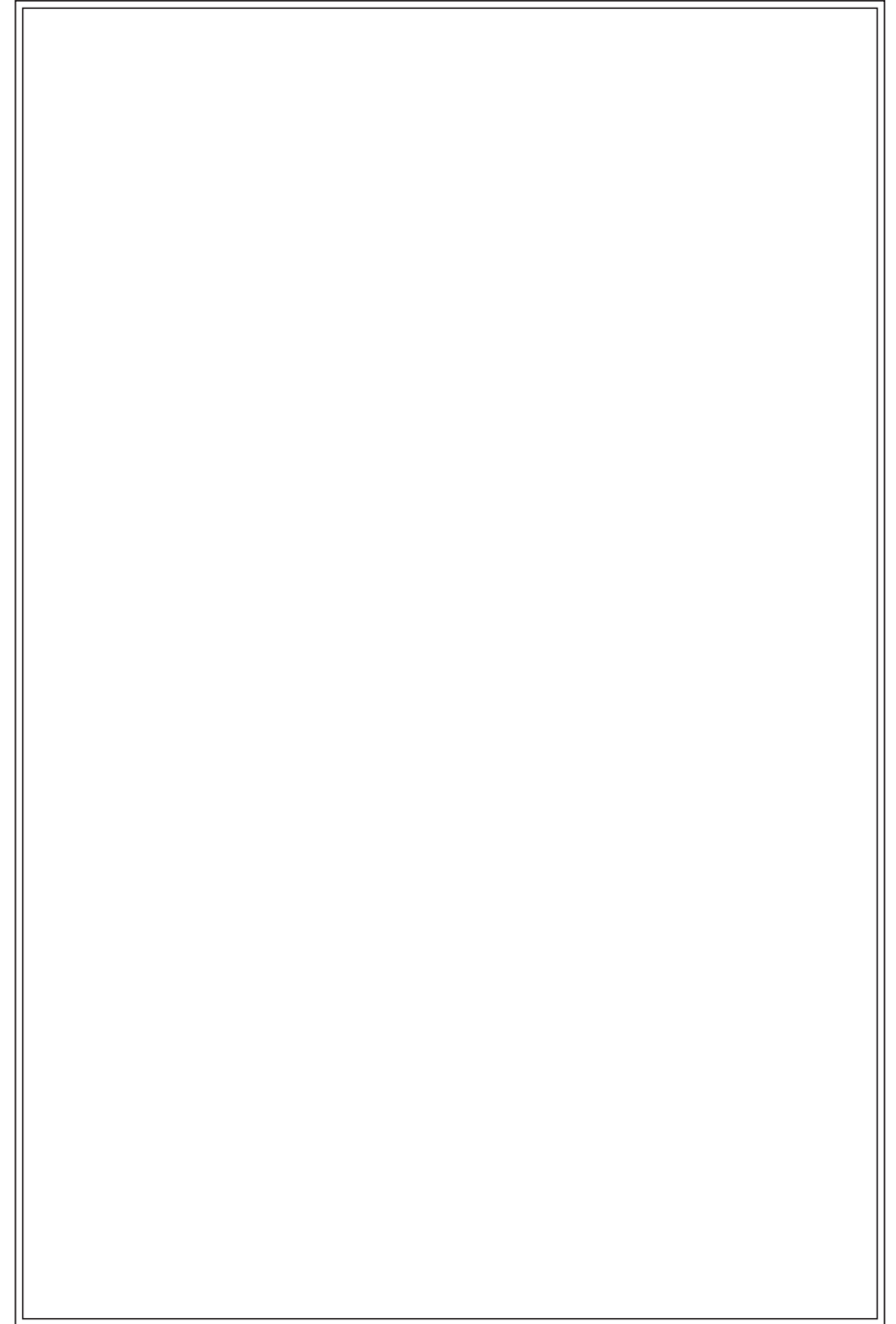
Para chegar do castelo à cidadela, é preciso um dia de viagem a cavalo e nessa terra há bons cavalos brancos, muito conhecidos nos outros lugares.

Há muitas dificuldades entre o castelo e a cidadela. Primeiro, um deserto onde, devido ao calor, se passa muita sede e muito cansaço. Infelizmente, os cavalos ficam para trás quando já não conseguem seguir viagem devido ao calor e ficam aos cuidados de uma senhora que tem outros cavalos – e vive nesse deserto.

A seguir, uma selva africana onde se encontra um elefante muito forte que ajuda no transporte e na defesa dos outros animais, porque na selva há muitas cobras venenosas, leões e ursos. Depois há uma floresta em volta da fortaleza e o feiticeiro prende nas masmorras da cidadela, todos os que entram na floresta.

O cristal, agora, está no castelo, porque o filho do rei, certo dia e com a ajuda de um cavaleiro negro, conseguiu escapar das masmorras e levar o cristal até ao seu pai. Quando a rainha e o rei pediram ao cavaleiro negro para tirar o capacete, ficaram espantados porque era uma menina. E o príncipe pediu em casamento a menina e ela aceitou.

Mais alguns dias depois, eles casaram e juraram um amor infinito.



MONTAGUELIA

Eu visitei um país chamado Montaguélia e todos falavam Montaguelhês. Lá havia tesouros e todos os animais. Em Montaguélia havia guerras e então, os habitantes dividiram a terra em duas: Uma Parte e Outra Parte. Os habitantes só comiam ugali com fufu. Eles não tinham prédios, só tinham casas estragadas. Eu estava no país dividido, em Uma Parte.

No país havia um tesouro raro. Procurei no mapa todos os sítios até encontrar um, marcado para o tesouro, mas estava em Outra Parte. Eu fui lá, secretamente, para ninguém me ver nem ouvir. Ainda assim, ouviram-me e então corri. Virei à esquerda, direita, esquerda e direita e cheguei ao tesouro, que era um relógio que podia transportar e fazer esquecer quem viu e foi ao país e fiquei com ele e usei-o para o bem.

Ainda neste país, havia uma outra terra, longe. Meti-me no meu barco e lá fui pelo oceano. Vi tanta água, tanta água, tanta água!... As montanhas eram azuis e verdes, as árvores eram de rosas – sem ser roseiras. Havia casas de bambu em que viviam pessoas. Elas vestiam-se de camisolas de um urso falso, mas o pelo era confortável. As calças eram de folhas. Todos tinham animais: cães, gatos, coelhos, veados e aves.

Chegado mais próximo das montanhas, dei conta de algo diferente.

Alguns habitantes eram Pedras-Gnomos que viviam ali. Viram-me e seguiram-me e eu corri até encontrar um terreno lindo com rios, casas e mais pessoas. As pessoas eram verdes. Grandes como as pedras-gnomos. Também havia outras montanhas. *Já não eram montanhas azuis com o cume verde, eram montanhas só verdes. As Montanhas Verdes, em tempos, tinham declarado guerra contra as Pedras-Gnomos. Começou a guerra e ninguém ganhou a guerra.*

Ainda estavam todos feridos e zangados e então curei-os e ajudei-os: no mapa também fiz Uma Parte para as Pedras-Gnomos e Outra Parte para as Montanhas Verdes. E consegui que aceitassem. Todos agiram bem e não havia guerras e começaram a ser amigos, as Montanhas Verdes e as Pedras-Gnomos.

A TERRA DE GOLD GOLDEN

Uma das terras que visitei chamava-se Gold Golden que fica do outro lado do mundo no meio do Oceano. Esta terra era a mais estranha daquelas bandas. Um dos seus símbolos era uma bandeira toda dourada com um desenho no centro, a verde, que eu diria que é o nosso símbolo do euro. No inverno as temperaturas eram muito altas e no verão muito baixas.

Os habitantes tinham pele dourada, um olho no cento da cara, vestiam roupa muito estranha e tinham dez mãos. Eram revestidos por um material muito especial, de lata, que os protegia de tudo - quer dizer, exceto da ferrugem – por isso não se magoavam em nenhuma parte do corpo. Os habitantes que brilhavam ao Sol viviam duzentos anos e os que não brilhavam viviam sete anos no mínimo e doze no máximo.

A ilha de Gold Golden era a mais rica de todas as ilhas que já existiram. As casas dos habitantes eram feitas de ouro e todos tinham muitos bens valiosos. O nível de vida era muito alto. Só por curiosidade um carro custava cem milhões de euros.

Nesta terra havia um presidente que possuía um cetro com um cristal.

Em Gold Golden só existia um animal chamado Papadouro que é uma espécie de papagaio feito de ouro. Os ovos do Papadouro faziam crescer Meladoueiros, pequena árvore que só tinha dois órgãos, o izlo e o melovo. O Meladoueiro dava o fruto mais apreciado por todos, o melou.

Na escola, os alunos não tinham livros em papel. Estava tudo informatizado. As aulas demoravam apenas duas horas, mas havia professores. Um dos professores, por acaso o mais velho da escola, tinha um grande poder: quando os alunos se esqueciam da matéria ele encostava a sua cabeça à do aluno e era mágico (*o aluno aprendia tudo*).

Também tive conhecimento de outros poderes que por lá existiam: as pétalas de uma pequena flor vermelha podem ressuscitar os habitantes de Gold Golden!

O REINO DE UMA CIDADE

Fui ter a uma terra com uma História cheia de aventuras. Era um Reino que primeiro era de uma só cidade, cujo Rei queria conquistar mais cidades para ser mais conhecido pela cidade, ou seja, pelo seu povo. Ele convidou o príncipe e o seu melhor cavaleiro – que ele costumava tratar por Cavaleiro de Bronze. Então, todos juntos foram de viagem até fora do seu reino e conquistaram uma cidade. Essa cidade fora do reino chamava-se Gatolândia. Quando chegou a manhã eles foram até uma rotunda com uma estátua no meio e muitas frases à sua volta. Com sorte, foi uma guerra pacífica, e conseguiram conquistar aquela cidade. Após a conquista, dormiram durante toda a noite.

O Rei disse que ainda havia mais cidades para conquistar. A segunda cidade onde eles foram chamava-se Tauromaquia porque lá matavam muitos touros, havia muitos rodeos e touradas. Era muito mau para os animais. Então o Rei decidiu conquistar esta cidade e pôr fim a esta maldade contra os animais. O antigo rei desta cidade já tinha falecido e foi só tirarem as espadas e conquistarem outra cidade.

Depois foram para uma cidade muito conhecida por causa de uma coisa muito estranha, porque lá a água sujava e a lama lavava. Por isso, chovia lama e quando havia aquelas poças com lama por causa da terra, ficavam com água. No entanto a cidade chamava-se Lama Limpa. *Também esta cidade o Rei conquistou.*

A seguir, o Rei, fez outra viagem para uma cidade chamada Gabandia. Na Gabandia as pessoas tinham dois narizes quase como a plasticina só que o da esquerda andava sempre a cair e o da direita não caía, mas era verde e quando espirrava dava uma autêntica dor de cabeça durante duas semanas.

Esta foi a última conquista do Rei. E conquistadas as cidades ficaram mais ricos.

Não conseguiu resistir sem dizer que foi divertido. Só por isso, o Rei tinha planeado fazer outra viagem, mas desta vez a uma cidade onde há pessoas com duas casas.

PRINGUINLANDE

A tripulação estava cansada e desesperada. A viagem estava a ser atribulada com tanta tempestade. Foi quando ao longe avistámos uma terra. Sim, “terra à vista”! Prometi aos meus companheiros que melhores momentos viriam. Fomos de encontro àquele sítio que parecia ser magnífico, chamava-se Pringuinlande. Só se via uma imensidão de vegetação, mas um grande número era de palmeiras, *a destacar-se.*

Neste lugar as casas eram feitas de madeira, casas humildes e pequenas, mas onde as famílias eram numerosas, pois trabalhavam em conjunto. Todos participavam nas tarefas domésticas. Também faziam as colheitas. Subiam às palmeiras e apanhavam o fruto mais apreciado por eles, os cocos. Faziam refeições à base de carne e peixe pois mar e floresta não lhes faltava.

Havia uma porta tapada por folhas de palmeiras, flores e muitos arbustos que ia dar a uma cascata de água límpida que brilhava muito com o Sol. Tanto que até cegava uma pessoa. A cascata chamava-se Arinda e tinha 100 metros de altura, água fresca, peixes e tartarugas que nos deixavam nadar.

Os homens vestiam calças para cima da cintura feitas de trapos e as mulheres usavam um vestido também feito de trapos tudo cosido com a casca da palmeira.

Nas aulas, eles faziam pulseiras com búzios, conchas e pedras. Todos usavam estas pulseiras pois era o símbolo da união de todos. Nesta terra era “todos por um e um por todos”.

Ao regressar ao navio só pensava que tinha conseguido cumprir o meu desejo nesta viagem: “Viajar para me libertar das tecnologias e dos prédios da cidade”...

Cheguei à entrada de uma cidade. De seu nome Maitic. Sei porque havia ali mesmo um grande cartaz a indicar o nome dela.

As casas eram feitas de papel de lustro. As pessoas eram hologramas. Quando se queriam vestir era só clicar na roupa e ela mudava, mas – atenção! – eram as pessoas que escolhiam e clicavam. Os animais funcionavam da mesma forma.

A cara deles tinha cinco olhos, três narizes e três bocas. O cabelo das mulheres era vermelho aos caracóis. Os homens tinham bigode até aos pés, o cabelo e os bigodes azuis, como o mar. Os cães tinham pelo verde e os cabelos cor-de-rosa.

Os carros eram feitos de pedra. O mar deles era feito de água mais limpa que os nossos rios. A escola deles era enorme, tinha dez salas porque cada turma tinha trinta e um alunos. Então havia vinte professores porque também havia meninos com dificuldades.

A comida deles era muito estranha. Eles comiam insetos. Eles almoçavam às cinco da tarde – hora deles – porque para nós as cinco horas da tarde deles, são dez da manhã. As árvores tinham folhas super pequenas, mas tinham cá uma copa!

Lá, era sempre dia, por isso eles já estavam habituados. Eles só tinham uma estação, o Verão, e estavam sempre cheios de calor.

Os habitantes para se refrescarem – ainda que sendo hologramas, tinham calor – reboavam numa grande piscina que eles tinham num local que não deixava passar o calor. Lá dentro era gelado e eles adoravam.

Eu admirei principalmente um dos jogos, que era a apanhada sobre patins de gelo. E não caíam.

A cidade que visitei chamava-se Livelaand, tinha um aspecto muito parecido com uma cidade inglesa e uma tecnologia muito avançada. Algumas das pessoas que lá habitavam eram “cyborgs”, ou seja, meio-pessoa e meio robô.

Nessa cidade havia o maior arranha-céus do mundo com onze mil e doze andares que quase chegava ao escudo da terra. Essa tecnologia era como a ida a Marte, hologramas, transportador, aviões a jato.

Em Livelaand estava-se já no ano de 2347 e um dos habitantes mais famosos chamava-se Peter. Peter, de apenas 23 anos, era inventor de sondas de força e também de robôs. A sua melhor obra era o R-712-C, considerado por todos como um robô muito inteligente.

O Peter era muito amigo de uma fotógrafa chamada Mary, quase da sua idade. Juntos, tinham sido os responsáveis por salvar a cidade inteira de um grande tsunami. Isto, enquanto quase todas as outras pessoas da cidade corriam da praia, a gritar.

Peter lembrou-se de fazer uma sonda de força que podia empurrar o tsunami para o mar. Mas ele precisava de material. Mary correu a arranjar-lo enquanto Peter adiantava a programação no seu R-712-C. Com as peças que a amiga trouxe e depois de algumas ligações rápidas, deu ordem ao seu robô e tudo funcionou.

O tsunami foi empurrado para trás...

Quando eu a visitei, a cidade continuava intacta e a viver no futuro, quando comparado com o meu próprio tempo.

ATLÂNTIDA

Nas nossas explorações, ouvi rumores sobre a Atlântida ser próxima e fui procurar mais informações. Encontrei um pequeno ser que me contou o seguinte:

Era uma vez o Gil, um homem de 43 anos, que um dia queria descobrir a Atlântida e como era. Ele partiu num jato privado donde saltou para o Oceano. Encontrou uma gruta secreta de polvos falantes que só tinham um tentáculo. O jovem perguntou aos polvos onde era a Atlântida, mas eles não quiseram saber (*e não responderam*). Depois foi a uma gruta vazia que se fechou porque um outro homem também queria a Atlântida e fez a gruta colapsar: depois nenhum deles podia sair. Por fim, trabalharam em conjunto e conseguiram libertar-se.

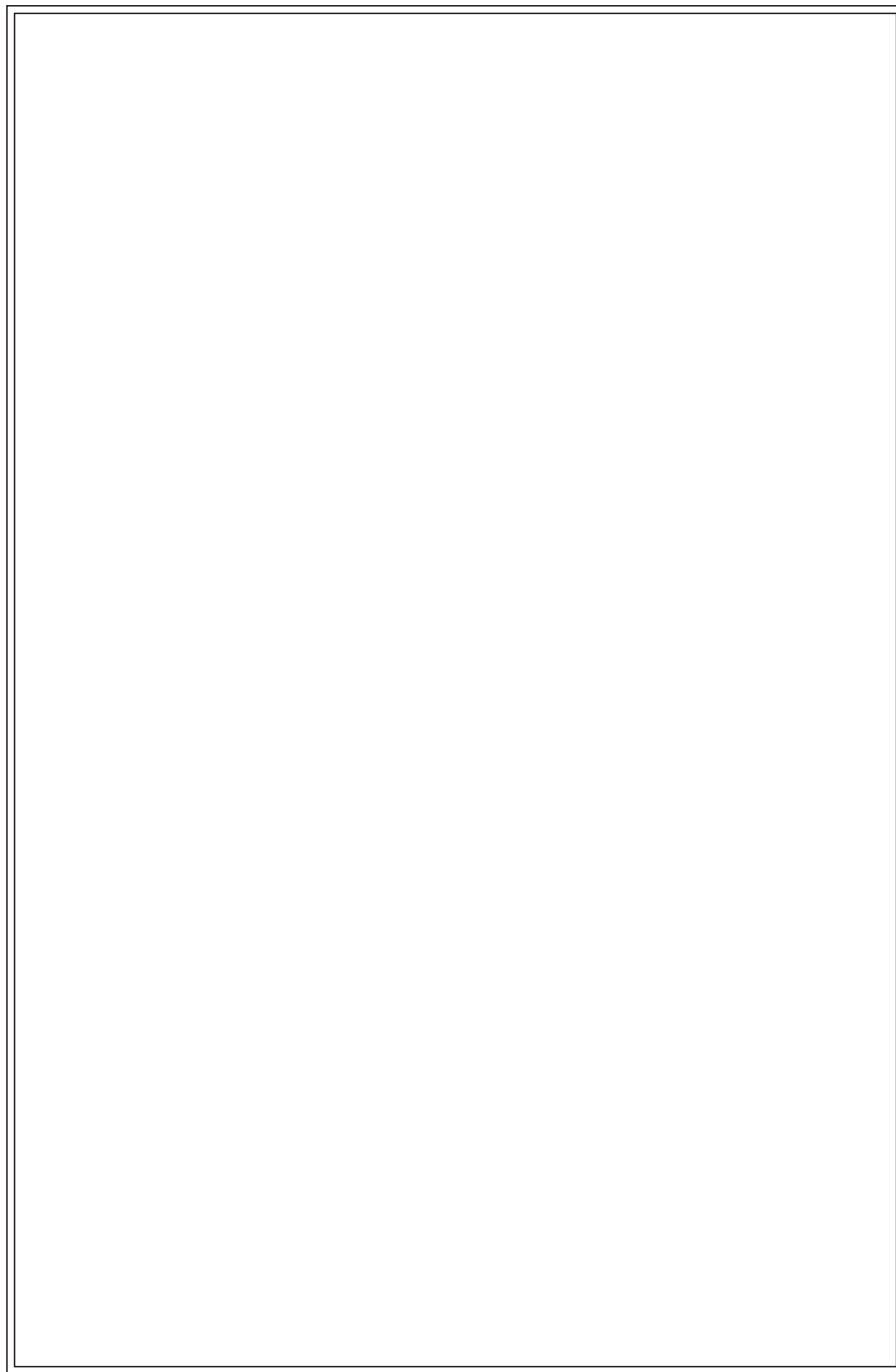
O outro homem chamava-se Olu e era um Zambakiano. Ele mostrou um mundo secreto de Zambakianos ao Gil. Os Zambakianos – *sem disfarces* – tinham seis dedos em cada mão, três dedos em cada pé e tinham a boca até às orelhas. Os Zambakianos contaram ao Gil de um tesouro que havia na Atlântida.

Por fim e após alguma procura, os Zambakianos e o Gil acharam a Atlântida e partilharam o tesouro. Mas a Atlântida desmoronou. Um polvo falante foi lá porque ouviu os homens a gritar e salvou-os.

Todos os Zambakianos, o Gil e o polvo, compraram uma casa (*diz-se que*) em Espanha – *com todo o tesouro* – e lá moraram. Podiam ser de espécies diferentes, mas eram grandes amigos, ao contrário de outros.

No fim desta aventura foram muito felizes, descobriram que tinham muito em comum e foram mesmo amigos para toda a vida. Quando ficaram velhinhos decidiram vender a casa, mas foram viver para o mundo secreto de onde vieram os Zambakianos. Viveram até aos duzentos anos e quando chegaram ao seu último ano de vida fizeram uma enorme festa a celebrar a sua vida gigante que tiveram de deixar. Esta amizade não teve fim. Ela foi infinita.

Mas a Atlântida já não podia ser encontrada por mim... e assim regresssei à expedição.



PÃODELÓLÂNDIA

Cheguei a uma pequena cidade sem nome onde encontrei um menino, chamado Rodrigo. Como estava a precisar de algum descanso, da expedição, fiquei alguns dias naquele local. Fui registando o que via:

Certo dia o Rodrigo queria andar de barco. O menino decidiu chamar os seus amigos para também andarem de barco. Os amigos quiseram também andar de barco e a mãe deixou-os andar. Quando saíram do barco foram para casa e perguntaram à mãe e ao pai se podiam fazer um piquenique. A mãe deixou-os e eles foram preparar as coisas deles.

Certo dia a mãe e o pai chegaram e perguntaram se também podiam comer com eles. E eles disseram que sim e a mãe o pai também comeram com os filhos. Quando acabaram de comer o lanche, foram brincar para o parque. Quando a mãe os chamou, foram jantar sopa de legumes e massa com carne. A seguir foram para a cama dormir para o dia seguinte.

De manhã, de manhãzinha, foram tomar o pequeno almoço à cozinha. No fim de comerem o Rodrigo perguntou à mãe se podia ir para casa dos seus amigos. E a mãe disse que sim e ele foi sozinho, a pé. À hora do almoço, o Rodrigo veio almoçar à sua casa e disse aos seus amigos que voltava à tarde. Ao fim do almoço foi outra vez para casa dos amigos.

À hora do lanche foram para uma cidade chamada PãodeLóLândia. O Rodrigo decidiu ir com os seus amigos comer o pão de ló. E assim, como chegaram ao jantar, foram comer sopa e pão de ló. Na PãodeLóLândia havia árvores que davam pão, bolos e bolachas de formas diferentes. Ele e os amigos escolheram bolachas de formas diferentes, *para sobremesa.*

Também eu comi uma bolacha e pão de ló! No dia seguinte regresssei à expedição, com uma nova cidade descoberta!

CACHORRINHOLÂNDIA

Eu visitei uma cidade chamada Cachorrinhos Quentinhos. Lá os cães eram salsichas e as pessoas cachorros quentes.

Conheci várias pessoas, adultos e crianças. Disse-lhes como lá cheguei, passando por várias montanhas e rios. *Eles pareceram impressionados.*

Depois acompanhei um dos meninos, que me convidou e me mostrou a sua casa. *Estava cheia de sementes de flores,* mas o que eu não sabia era que as sementes de flor eram bocados de pão!... A cama do menino era de pão de salsicha e a luz na mesinha de cabeceira um bocado de salsicha, mas luminosa.

Naquela terra não havia noite, era sempre dia.

Depois fomos para a piscina dele e a água era maionese. Nós brincámos muito na piscina e até foi muito divertido. Depois brincámos com o cão dele e eu acho que o cão não gostou muito, de mim. Passado um tempinho a mãe desse menino convidou-me para comer com eles. A comida era um arroz muito amarelo no qual, se colocássemos mostarda, ficava amargo. O arroz sem mais nada, não tinha sabor nenhum.

De sobremesa comi um doce que levava salsicha.

Depois fomos ver outras terras próximas. Foi então que me dei conta de que tudo era feito de cachorros quentes. Ainda fizemos vários desenhos em que as folhas eram salsichas. Onde eu carregava saíam as cores que eu pedia.

Foi então que percebi que, naquela terra, se dedicavam à plantação de cachorros quentes.

BRINQUELÂNDIA

Na minha viagem fui até uma cidade que se chamava Brinquelândia. Por lá, todos os habitantes eram, ou a pilhas ou a bateria. Num jardim muito especial havia uma árvore com um fruto amarelo que era mágico. Todos os brinquedos comiam esse fruto porque fazia com que não enferrujassem.

Na cidade ao lado, a cidade dos Instrumentos Musicais, ficaram a saber do poder dos frutos amarelos. Alguns instrumentos pediram para lhes darem alguns frutos para nenhum instrumento ficar enferrujado. As duas cidades ficaram muito amigas. Como os reis ainda não se conheciam, os habitantes levaram-nos a conhecerem-se. A cidade dos Brinquedos tinha um rei e a cidade dos Instrumentos uma rainha. Eles apaixonaram-se e casaram. O dia do casamento foi um festim.

As duas cidades decidiram que juntas podiam ajudar muitos mais objetos e tinham várias equipas espalhadas pelo mundo a oferecer os maravilhosos frutos amarelos.

{Todos devíamos fazer o mesmo e partilhar o que nos faz bem e ajudar quem precisa.}

PANQUELÂNDIA

Eu viajei de barco até um país muito estranho. Só soube como se chamava quando vi uma panqueca gritar que adorava viver na Panquelândia. E logo vi onde estava.

Procurei pelos passeios e pelas ruas alguém que soubesse onde era o castelo do rei, mas só me responderam com a palavra “panqueca”. Não passou muito tempo até eu me aperceber que tinha de procurar sozinha.

Procurei, procurei, mas não encontrei nada, por isso resolvi ligar a um amigo meu e ele disse-me que quando lá passou lhe disseram que não havia rei. No entanto, encontrei outras coisas naquele país. Descobri que os animais eram feitos de uma variedade imensa de cobertura de panquecas e que se jogava um jogo muito estranho em que se fazia um buraco numa panqueca, colocava-se um pau no centro e rodava-se a panqueca. A última a parar era a vencedora.

Também eu experimentei! Posso dizer que não foi nada fácil, mas depois de muito tentar lá consegui pôr a panqueca a rodar, graças ao Panquerite que se tornou meu amigo.

Panquerite mostrou-me outros sítios. Pude ver casas feitas de panquecas e outras casas feitas pela cobertura delas. Eu fiz muitos amigos e contei-lhes todas as minhas aventuras.

PIZZALÂNDIA

Não muito longe da anterior havia uma terra diferente das outras, com cores amarelas, vermelhas e verdes.

Essa terra chamava-se Pizzalândia e tudo era feito de pizzas. Fiquei muito admirado ao ver as árvores, o chão... tudo era feito com pizzas.

Nessa terra não viviam pessoas só havia pessoas a visitar o local, mas não viviam lá.

Dei um passeio pela Pizzalândia mas tinha que ter cuidado a caminhar pois as ruas tinham queijo e eram escorregadias. Havia muita variedade de pizza, umas eram de fiambre, outras de salsichas, tomate e pimentos com azeitonas. Os telhados das casas eram de tomate! As árvores eram grandes e o tronco era de rodela de azeitonas e as folhas eram tiras de pepino verde.

Provei algumas pizzas e adorei porque eram muito saborosas, mas a minha preferida foi uma que estava na piscina que parecia uma baía com cogumelos, azeitonas e salsichas.

Quando estava a vir embora, escorreguei no queijo que ainda estava quente e fui parar a um jardim de cogumelos.

Regressei à expedição com uma barriga cheia de pizzas.

O REINO DE ALEDÓNIA

Deparei-me com um reino muito pobre e triste, porque o rei tinha todo o dinheiro. Todos os outros nem um cêntimo tinham. Eram os Aledonenses.

Pouco depois de eu chegar a Aledónia, num dia de céu limpo, os habitantes decidiram que bastava e resolveram ir ao Templo Sagrado onde o Diamante dos Poderes dos Oito Reinos estava guardado. Com ele iam expulsar o rei. Mas o Templo ficava em Vénus!

Então foram ter com o Eche, o mais corajoso do país, e o seu animal de estimação, um ratinho muito ativo. Todos juntos foram até ao palácio do Rei e, enquanto os habitantes o distraíam, o Eche roubou o foguetão do Rei e viajou até Vénus.

Contou-me depois o Eche que quando chegou a Vénus, tinha sobretudo frio, mas depois de caminhar aqueceu. Viu então uma montanha gigantesca e disse para si mesmo: “Vou ter de escalar isto tudo? Oh, não!”. Essa montanha tinha mais de mil quilómetros, mas depois de muito andar finalmente chegou. Ainda tinha de descer tudo por umas escadas velhas e sujas! No final encontrou um monstro de trinta olhos, vinte bocas e quarenta pernas – que guardava o Templo Sagrado. Derrotou-o, pegou no diamante e voltou ao reino.

Quando regressou, expulsou logo o rei e ofereceu dinheiro a todos menos ao rei.

Eu ainda recebi uma moeda de ouro! Depois regressei à expedição e para junto dos meus companheiros.

Estava a andar de barco e, depois de muitas horas de viagem, cheguei a uma terra. Caminhei muito, até que encontrei uma placa a dizer “Bem Vindo a Afrone”.

Entrei e vi muitas pessoas, mas essas pessoas tinham três olhos, dois narizes e quatro bocas. Duas na cara e duas nos pés. Em Afrone os animais tinham duas patas, um olho, duas caudas e cinco focinhos.

A comida típica deles era esparguete à bolonhesa com patas de uma espécie de veado! As suas festas mais importantes chamavam-se Caça ao Lobo, Natrailer, o Churrasco da Família e o Salto na Fogueira.

O Natrailer é como o nosso Natal: mas um dos habitantes veste-se com um fato azul e verde e em vez de ter uma barba branca como o nosso Pai Natal, tem uma barba dourada.

No Churrasco da Família, eles grelham todos os insetos que apanham na ilha e cantam várias músicas em conjunto.

Todas as noites, o ritual deles é saltar à volta de uma grande fogueira ao som de tambores e flautas mágicas.

Por fim, existe a Caça ao Lobo. Esta era a mais engraçada e também a minha favorita. Aqui os participantes eram divididos em quatro equipas - a verde, a laranja, a azul e a amarela - cujo objetivo era procurar por toda a ilha o Lobo Cinzento. Para o encontrar, as equipas tinham de ultrapassar vários obstáculos e enfrentar inimigos. A equipa vencedora ficava com o Lobo Cinzento, um animal mágico, muito fofinho e fiel.

Ao fim de alguns dias chegou a hora de ir embora e apesar de querer ter ficado por lá, trouxe comigo muitas recordações...

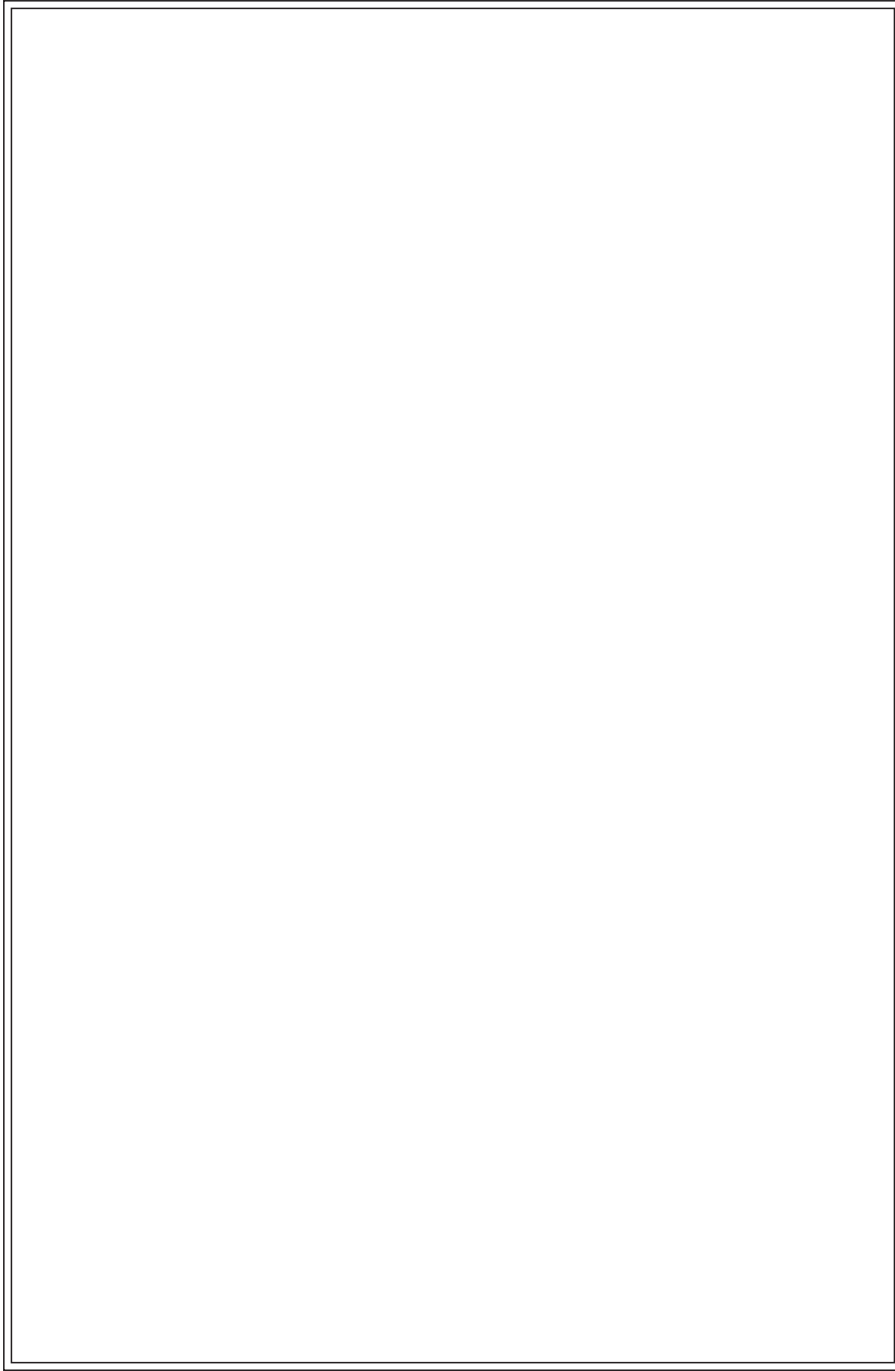
Quando saí do barco, estava numa ilha chamada Zoe. Esta ilha era muito diferente daquilo a que eu estava habituada. As casas eram dentro de búzios gigantes e as famílias tinham um botão que guardava a casa dentro do búzio. Cada búzio tinha uma cor que correspondia às cores das famílias.

Havia sete famílias, correspondentes às sete cores do arco-íris. Uma delas, a família roxa, deu-me as boas vindas. O pai tinha quatro olhos, dois à frente e dois atrás, e tinha uma boca com sessenta e quatro dentes. A mãe era igual, mas o filho era diferente porque andava de pernas para o ar, já que gostava de se empoleirar nas árvores mais altas. Comiam couve-roxa, beringela, amoras, ameixas, cebola roxa e uma flor roxa muito especial que só eles podiam comer. Cada família comia os frutos e legumes da sua cor.

Esta ilha tinha um ritual espantoso. Ao fim da tarde, na montanha mais alta que ultrapassava as nuvens, todas as famílias para formarem um arco-íris, davam as mãos e cantavam a música “Arco-íris”.

A família roxa convidou-me para passar a noite na casa deles e eu aceitei. Eles tocavam um búzio para aparecer a sua casa dentro do búzio gigante. As camas eram búzios. Para me aquecer usava folhas de palmeiras e as almofadas eram pequenos troncos. Passei uma noite espetacular!

Na manhã seguinte, antes de o sol nascer os meus novos amigos acompanharam-me até ao barco para se despedirem de mim e disseram que gostariam de me ver em breve.



A ILHA DE EDAZ

Eu afastei-me um pouco da expedição e fui até uma ilha.

Na ilha, chamada Edaz, vive uma sereia muito bonita. Nessa ilha, havia também um monstro muito mau, que comia as pessoas. Já tinha sido tentado tudo, para o matar, mas ninguém conseguiu. Por isso, a sereia mora sozinha.

A ilha era verde e tinha muitos elefantes e a sereia era amiga deles. *Fiquei impressionado com a lua vista dali* que era grande e vasta.

Tentei matar o monstro com uma arma que tinha trazido de muito longe. Como a arma era mágica, consegui.

Regressei para junto da expedição sem saber se a sereia teria mais companhia no futuro...

A BALEIA

Após três dias de viagem, depois de tomarmos o pequeno almoço, deparámo-nos com a presença de uma baleia. De imediato corri para o convés com o objetivo de a poder observar melhor.

O meu capitão aproximou-se de mim e perguntou: – Então estás a prestar atenção à baleia, filho? (*Era assim que o capitão nos tratava a todos.*)

Respondi que sim, já que nunca tinha visto uma baleia ao vivo e estava fascinado. E quando ele me perguntou se eu queria saber algumas das características das baleias, respondi afirmativamente, muito entusiasmado.

O capitão explicou-me que a baleia é um animal mamífero, que tem pulmões e precisa de oxigénio para respirar, por isso vem à superfície respirar e expira através da água fazendo um chafariz!

Ao longo da viagem outras baleias se aproximaram do nosso barco. Até parecia que faziam uma dança. Prosseguimos viagem e muitas outras coisas ainda tive oportunidade de ver.

O JARDIM ZOOLOGICO

O território onde cheguei chamava-se Jardim Zoológico ou, também, Zoo. Quem visite Jardim Zoológico tem sorte porque há tabelas com o nome de todos os animais que lá vivem.

Ao mesmo tempo que eu chegava, algo estava a acontecer...

O Lumba é um leão grande e muito forte. É o chefe do grupo. A família dele são duas leas e três crias muito brincalhonas. Há também, nesta terra, um leão chamado Mengo, que vive na savana e que queria a família do Lumba. Decidiu raptá-los, um a um, durante a noite.

Quando o Lumba ficou sozinho seguiu pistas para descobrir quem os tinha raptado. Seguiu pegadas até à savana. Encontrou o Mengo e usou as suas garras fortes e os seus dentes grandes e afiados. Aquele leão começou a lutar com o Mengo, que queria imenso a família do Lumba.

Como o Lumba tem muitos amigos no Jardim Zoológico, a girafa Sandy que tem um pescoço comprido consegue ver tudo o que se passa e conta aos animais do Jardim Zoológico, avisou quanto ao que se passava.

Avisou os elefantes – bastante simpáticos, mas bastante espalhafatosos, que se cumprimentam com as suas trombas longuíssimas enquanto tomam banho com elas como uma pistola de água. E avisou os tigres – que são muito parecidos com os leões.

Sempre dentro de água numa grande piscina vive o hipopótamo Lolo que nunca ri, nem mesmo quando lhe contam piadas (ele é muito sério). O Lolo também foi avisado. Os animais do Zoo foram ajudar o Lumba a lutar e a recuperar a sua família.

Venceram! Muito feliz, o Lumba, regressou a casa com a sua família e com os seus amigos, embora cansado e ferido. Quanto ao Mengo ficou sem uma pata, mas ele vai ficar bem se não fizer mais ataques, claro! As hienas vão cuidar dele e respeitá-lo chorando e rindo ao mesmo tempo.

Como é que uma hiena e um leão podem ser amigos? Apesar das diferenças todos podemos ser amigos, hienas com leões, leões com hipopótamos, lebres com gnus, girafas com zebras.

O MUNDO DAS BRUXAS E O MUNDO DAS CRIANÇAS

Cheguei a uma terra distante e desconhecida onde, numa gruta enorme e longínqua, viviam bruxas malvadas e maléficas. Havia também um enorme lobo mau, chamado Chau Chau.

Existia um portal entre esta terra – o Mundo das Bruxas – e um outro mundo: o Mundo das Crianças. As bruxas costumavam viajar entre os dois mundos.

No Mundo das Crianças havia uma gruta secreta onde nunca, ninguém, tinha entrado. Contava-se que numa noite cerrada as crianças decidiram ir desvendar o mistério que havia dentro dessa gruta. Nessa noite, as crianças entraram na gruta e depararam-se, à entrada, com um enorme lobo mau, o Chau Chau, que estava a guardar a gruta misteriosa.

As crianças, na entrada da gruta, tiveram de lutar com o lobo para conseguirem entrar lá. Depois de lutarem, e mais à frente, encontraram as bruxas malvadas e maléficas, que as amaldiçoaram. Ainda mais à frente encontraram o mistério que era uma poção para o lobo ficar a ser amigo das Crianças, *mas não conseguiram obter a poção...*

No dia seguinte as bruxas viram o lobo mau Chau Chau, muito triste e foram lá perguntar o que se passava. Ele disse que não tinha amigos e ajudaram-no a ter amigos. Desta vez as bruxas foram boas e fizeram uma grande poção mágica. Foi assim que o lobo mau Chau Chau ficou com as suas amigas crianças e as bruxas malvadas e maléficas. *Que apesar do nome, não eram nem ele tão mau, nem elas tão malvadas e maléficas.*

Da terra em si não pude ver mais, mas fiquei a conhecer a sua origem.

O REINO DA PRINCESA MÁGICA

O último Reino deste Setor tinha no seu centro um castelo, onde vivia a família real com a princesa, que era mágica e muito conhecida pelo seu livro de magias e pelas poções que nele estavam escritas.

Havia no reino uma enorme gruta, muito escura, que levava a um caminho, passando pela casa de um gigante com mau humor e, por fim, indo em direção à montanha mais alta do reino, onde vivia um dinossauro a guardar um cristal.

Os cavalos não gostavam de entrar na gruta e era sempre um problema fazê-los atravessar aquele caminho até à casa do gigante. O gigante, por sorte, dormia muito...

O dinossauro era grande e cuspiam fogo, mas tinha uma fraqueza. Uma erva que crescia na montanha e que, se atirada para os olhos do dinossauro, o fazia deixar de ver.

Por vezes, o Rei, ficava doente e era necessário utilizar o cristal para que a princesa pudesse fabricar o remédio. Isso levava sempre a muitos perigos...

APOIO



MUNICÍPIO DE
VISEU

FINANCIAMENTO

VISEU



ESTA PUBLICAÇÃO FOI ORIGINALMENTE DESENVOLVIDA E APRESENTADA
NO ÂMBITO DO FESTIVAL MESCLA, COM O APOIO DO MUNICÍPIO DE VISEU